

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



TRABALHOS DE ARTE RUPESTRE DO VALE DO TEJO: CERVÍDEOS, ANÁLISES E RESULTADOS

Sara Garcês / Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências (u. ID73 – FCT) – Bolseira FCT (SFRH/BD/69625/2010) – Doutoranda em Quaternário, Materiais e Cultura (UTAD). Instituto Terra e Memória – Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo. Este trabalho foi financiado pelo Estado Português através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/CTE/UI0073/2011 / saragarces.rockart@gmail.com

RESUMO

O projecto Ruptejo (2008-2012) apresentou-se como uma tentativa de colmatar algumas lacunas no estudo da Pré-História do Alto Ribatejo. O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo centrou-se assim como alvo de diferentes abordagens desde a sua descoberta tendo a investigação se concentrado nos seus aspectos mais importantes e nos contextos regionais. A abordagem contextual inclui outros sítios de arte rupestre que se localizam no âmbito da sua bacia hidrográfica. A representação do cervídeo na arte rupestre portuguesa e, principalmente, tagana surge como parte integral da investigação. As associações com outras gravuras, a paisagem e geografia do mesmo poderá revelar o a importância do papel que este animal representa no mundo conceptual das comunidades pré-históricas nesta parte da Europa.

ABSTRACT

The Ruptejo project (2008-2012) was presented as an attempt to bridge some gaps in the study of prehistory of Alto Ribatejo area. The Tagus Valley Rock art Complex is, since its discovery, a target of different approaches on research focused on their most important aspects and regional contexts. The contextual approach includes other rock art sites that are located within its watershed. The representation of deer in Portuguese and Tagus rock art emerges as an integral part of the research. Associations with other engravings, landscape and geography may reveal the importance of the role that this animal represents in conceptual world of prehistoric communities in this part of Europe.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E LOCALIZAÇÃO

A investigação arqueológica realizada nos últimos anos sobre o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT) está associada a uma das lacunas que nas últimas décadas prevaleceu em Portugal: perceber a real extensão e complexidade da arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Tejo (Oosterbeek & alii, 2012). No início da década de 70 a construção da barragem do Fratel fez com que 90% do então conhecido CARVT submergisse negando na maioria da sua extensão a possibilidade de mais e melhores estudos que um sítio de arte rupestre tão complexo mereceria (Garcês & alii, 2010). O CARVT localiza-se num território que se compreende sensivelmente entre

a barragem de Cedilho (que marca a fronteira com Espanha) e a foz do rio Ocreza (tributário da margem direita do rio Tejo), apesar de estudos recentes sugerirem uma maior extensão do complexo com a descoberta de arte rupestre no rio Erges (Nobre, 2006). Ao longo do tempo, algumas contribuições bibliográficas sobre a interpretação deste sítio de arte rupestre foram maioritariamente de carácter geral, centrando-se na questão cronológica, apesar de alguns trabalhos monográficos pontuais terem proposto alguns modelos de interpretação. A dissertação de mestrado da signatária intitulada *O Cervídeo na Arte Rupestre do Vale do Tejo: contributo para o estudo da Pré-História* (Garcês, 2009) permitiram evidenciar a importância da figura do cervídeo, principalmente no plano simbólico das comunidades

pré-históricas do rio Tejo. Estes apresentam particulares associações com um vasto conjunto figurativo, nomeadamente, figuras humanas e animais e, crê-se, surgem em diversos períodos cronológicos (Garcês & Oosterbeek, 2009). Também ainda no âmbito das publicações referentes à arte rupestre do Tejo, Mário Varela Gomes apresenta em 2010 a sua dissertação de Doutoramento sobre a arte rupestre do Vale do Tejo onde propôs uma leitura global do complexo. No âmbito dos trabalhos de arte rupestre do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação e do IPT, iniciou-se um programa de revisão sistemática dos moldes das superfícies das rochas gravadas que na década de 70 se aplicaram como metodologia de levantamento. Estes mesmos moldes foram alvo de um intensivo decalque nos últimos anos no âmbito do projecto Ruptejo e estão neste momento em processo de organização de documentação, fotografia e interpretação. Este trabalho teve como objectivo contribuir para a organização do *corpus* de representações desse complexo e o seu estudo de pormenor. O propósito de elaborar um trabalho centrado na figura do cervídeo decorreu de vários factores: o cervídeo é um dos mamíferos mais representados na arte paleolítica e pós-paleolítica na Península Ibérica e a sua importância não se prende apenas pelo facto de surgir na arte rupestre do Tejo com recorrência mas porque é um factor de importância na economia das sociedades pré-históricas da transição para o agro-pastoralismo. Não serviriam apenas como alimento mas como fonte de matéria-prima através do aproveitamento da pele, armação e ossos. Em Portugal, o cervídeo mostra ter tido ainda uma função relevante desde períodos cronológicos recuados como são exemplo os que surgem no Vale do Côa, a partir do final do Pleistocénico passando pelo Holocénico médio (Vale do Tejo e Norte de Portugal) até à Idade do Ferro (Vale do Côa e Sabor, por exemplo). Em Portugal, excetuando as representações no Vale do Côa e Vale do Tejo, o cervídeo não é muito recorrente na arte rupestre e quando ocorre é na esmagadora maioria dos casos em gravura, havendo pouquíssimos registos da representação deste animal em pintura. Um dos poucos casos foi registado em 1988 no abrigo de Fraga d'Aia (São João da Pesqueira, Viseu) onde surgem dois painéis pintados estando no primeiro uma possível cena de caça, onde de acordo com os autores deste estudo (Jorge, Baptista & Sanches, 1988) intervêm um único personagem antropomórfico talvez armado com

um arco e um cervídeo com longas hastes figuradas em perspectiva distorcida muito próximo a um estilo subnaturalista. No entanto, a cena parece estar dotada de um certo modo de movimento principalmente a figura antropomórfica. No segundo painel surgem um grupo de variados motivos antropomórficos, dois dos quais associados a um zoomorfo de difícil interpretação.

Também na Lapadosa Gaviões, em Arronches (Gomes, 1989; Pestana, 1984, 1987; Baptista, 1986; Peixoto, 1997) surgem figuras antropomórficas e zoomórficas. No painel do lado poente surge um possível cervídeo sobrepondo uma outra figura (Gomes, 1989). A representação da figura do cervídeo vai surgindo em certos sítios de arte rupestre sensivelmente no Norte e Centro de Portugal.

No Vale do Sabor as mais recentes descobertas indicam a presença da figura do cervídeo na arte rupestre local. Um dos exemplos, ainda descoberto no ano 2000, é de um cervídeo neolítico num painel de xisto perto do Cabeço do Aguilhão e que tempos mais tarde sofreu atos de vandalismo (Baptista, 2004¹).

O cervídeo surge também na Idade do Ferro, um período cronológico bem representado na arte rupestre tanto do Côa/Douro como rio Sabor e que apresenta figuras de pequenas dimensões e traço muito fino. Um exemplo recentemente divulgado (*Newsletter Arqueologia Baixo Sabor*, 2012) descreve uma possível cena de caça numa rocha do Vale de Figueira, margem direita do Escalão de Montante, onde surgem, segundo os autores, dois cervídeos, um possível caçador associado a um cavalo.

No Vale do Guadiana, segundo Mila Simões de Abreu (Abreu, 2012, p. 489), várias figuras de cervídeos foram afectadas pela barragem do Alqueva. Há o registo de uma figura de cervídeo em Porto Portel, um macho de perfil gravado através da técnica de filiforme e em Mocissos, um grupo de cervídeo também em filiforme mas que provavelmente datam da Idade do Ferro.

No vale do Côa, os cervídeos (maioria *Cervus elaphus*) figuram como um dos animais mais representados. Este é, sem dúvida, um dos animais mais representados na arte paleolítica no geral mas também na arte holocénica. Os veados Pleistocénicos do Côa são descritos como tendo corpos elegantes mas vigorosos, pescoços espessos e possantes, ca-

1. <http://dafinitudedotempo.blogspot.pt/search/label/Vale%20do%20Sabor>.

beças curtas e angulosas suportando as bem desenvolvidas armações. As fêmeas fazem-se notar pela ausência de armação mas também pelo perfil mais elegante e triangular da cabeça com orelhas alongadas e ovaladas, um pescoço menos espesso e um corpo menos possante que o dos machos. Quase todas as representações de cervas são animais figurados em traço múltiplo inciso, característico de um estilo figurativo que se pode situar cronologicamente entre o Solutrense recente o Magdalenense antigo (Baptista, 2003). Uma das mais emblemáticas figuras de cervídeos do Côa é o representado na rocha 10 da Penascosa com uma peculiar técnica de execução de raspagem.

No Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT), havia já desde 1946 registos de “pedras escritas” no Tejo. O etnógrafo Paulo Caratão Soro-menho, conhecedor da região em questão, acompanhou alguns elementos do então Grupo para o Estudo do Paleolítico Português no primeiro dia da descoberta das gravuras do Tejo. Estas são, na sua generalidade, obtidas por picotagem sobre as lisas plataformas xistosas, quase sempre dispostas na horizontal. Estas rochas, dispostas em ambas as margens do rio Tejo, sofreram os efeitos erosivos das águas do rio durante milhares de anos, o que as tornou tão propícias para a gravação. No entanto, a resistência é também uma das suas características, daí ter sido possível chegarem até aos dias de hoje bem conservadas (Baptista 1986; Farinha 2005; Oosterbeek, 2008; Santos, 1985; Silva e Alves, 2005). Crê-se que a grande quantidade de seixos de quartzo e quartzite que abundam na região possam ter sido usados como matéria-prima dos incisores. Um recente trabalho de arqueologia experimental apresenta três hipotéticas cadeias operatórias por meio das quais poderia ter sido produzida uma grande parte das gravuras rupestres do sítio do Cachão do Algarve (CARVT) (Santos da Rosa, 2012; Santos da Rosa & Garcês, no prelo).

No vale do Tejo os cervídeos são picotados no xisto. Existem em pelo menos 6 núcleos do CARVT: Alagadouro, Fratel, Cachão do Algarve, Cachão de São Simão, Chão da Velha e Vale da Rovinhosa (Abreu & Garcês, 2011). A seguinte caracterização dos cervídeos da Arte Rupestre do vale do Tejo refere-se apenas aos exemplares que neste momento são possíveis de serem examinados no seu mais completo registo tendo já passado pelo processo de desenho, registo, tratamento de imagem e análise preliminar.

O núcleo de arte rupestre do Alagadouro está localizado na margem esquerda do Tejo, a cerca de 3km para jusante da barragem de Cedilho, no concelho de Vila Velha de Ródão. A investigação em curso permitiu identificar até agora três cervídeos, estando dois deles muito condicionados pelas fracturas que os envolvem na rocha. Na rocha 60 do Alagadouro surgem dois cervídeos e um antropomorfo. As fracturas representadas parecem sugerir que fazem parte da composição como se os cervídeos se mantivessem à distância do antropomorfo mas que ao mesmo tempo estejam associados a este. O estilo figurativo entre os cervídeos e o antropomorfo parece ser diferente, facto já sugerido por M.V.G (Gomes, 1989, 2001). A armação ainda que incompleta está representada num dos cervídeos (macho) estando completamente picotado ao contrário do outro cervídeo que apesar da dificuldade de compreender toda a parte da cabeça, apresenta o corpo em contorno apenas com o pescoço completamente preenchido e com a zona da barriga bem mais larga o que poderá indicar uma gravidez (?). O terceiro cervídeo do Alagadouro é a representação apenas da cabeça de um cervídeo macho adulto com uma armação ramificada. Tem poucos paralelos no próprio Tejo mas na rocha 155 de Fratel encontra-se um outro exemplar de cabeça de cervídeo isolada (Baptista, 1981).

O núcleo de arte rupestre do Cachão do Algarve (CAL) localiza-se na margem direita do rio Tejo, quase em frente ao núcleo da Lomba da Barca. Neste núcleo foram identificados 21 representações de zomorfos. Neste núcleo surgem algumas das mais bem representadas figuras de cervídeos do vale do Tejo.

Um dos mais emblemáticos cervídeos de toda a arte do Tejo figura na rocha 59 do CAL. A figura no molde está incompleta, facto que se confirma na fotografia da mesma rocha foi publicada por A.M.B. (Baptista, 1981) e pelo decalque de M.V.G. (Gomes, 1989, 2007). No decalque do molde, surge um veado macho de grandes dimensões (60cmx45cm) orientado para a direita, em perfil e com a representação da armação (duas hastes) mas incompleto já que a cabeça não figura no molde. O picotado desta figura varia entre o muito denso (na área do pescoço, cabeça, pernas, hastes e limites do corpo) e o disperso no preenchimento do tronco. As hastes, em U e perspectiva semi-torcida, são muito curvas, apresentam grandes dimensões e estão bastante ramificadas. A cauda foi gravada em posição vertical, orientada para baixo (Santos da Rosa, 2012). Encontra-se sobrepos-

to por várias figuras geométricas mas a sua armação parece sobrepor uma espiral o que levanta questões sobre a sua cronologia, regularmente remetida para o Epipaleolítico (Gomes, 2007) e/ou sobre a extensão cronológica da espiral (Baptista, 1981).

Ainda no Cachão do Algarve se apresentam vários outros cervídeos muito bem definidos anatomicamente como os da rocha 25, 56, 57, 60, 61 e 66. De notar, e em processo de análise, a proximidade das rochas com representações de cervídeos neste núcleo. Aqui será imperativo um estudo da distribuição espacial e a sua importância dentro da área do núcleo do Cachão do Algarve e do Tejo como um todo. O cervídeo da rocha 25, 56 e 60 terão que ser analisados através de fotografias e decalque já publicados por falta dos moldes respectivos na coleção analisada.

O cervídeo da rocha 56 é uma figura associada a uma panóplia de outras figuras geométricas e a uma possível arma o que faz com que seja possível uma possível interpretação mais complexa. O cervídeo, uma representação de um macho adulto, encontra-se registado em perfil com uma armação bastante ramificada em perspectiva semi-torcida. É atravessado por uma linha horizontal no seu corpo em forma ovalada. Está gravado dentro de um grande círculo com outras gravuras, o que parecem ser pequenas linhas encurvadas e uma espiral. É de grande importância o que parece ser uma arma de arremesso espetada no seu corpo.

As armas/instrumentos são extremamente raras no Tejo e a representação de uma figura destas associadas a um animal é de extrema importância e colabora para um melhor entendimento deste animal. Assim, esta figura em específico da rocha 56 do CAL sugere uma ligação à caça já sugerido por A.M.B (Baptista, 1981). O círculo pode ser interpretado como sendo uma armadilha, interpretação ainda a ser melhor analisada no contexto espacial e geográfico mas há já alguns estudos sobre as associações cervídeos/círculos e/ou cervídeos em associação com alguns tipos de geométricos podem representar armadilhas (Hoek, 2003).

Ainda na rocha 56 de CAL, há registo de um outro cervídeo mas representado de maneira completamente diferente do primeiro aqui em análise. Orientado para a direita, o tronco foi delineado com uma forma rectangular apresentando apenas poucos picotados na parte traseira do animal. Na impossibilidade de decalque do molde, a análise prende-

-se nos exemplares já publicados. As duas variações de decalque publicadas deste animal, a primeira em 1974 por A.M.B e mais tarde por M.V.G em 2007 apresentam algumas variações principalmente na zona da cabeça com o segundo autor a descrever o animal como estando de boca aberta (Gomes, 2007). Uma outra representação peculiar é o cervídeo da rocha 61 de CAL. Veado macho bem representado com uma armação em perspectiva encontra-se sobreposto com o que parece ser um podomorfo. Esta sobreposição oferece-nos uma oportunidade de trabalhar este tipo de representação segundo a sua cronologia. O sítio do Fratel, ainda em análise, é sem dúvida um dos núcleos do Tejo que mais e complexas rochas gravadas envolvendo figuras de cervídeos apresenta. Aqui se registaram duas das rochas com mais e distintos cervídeos de todo o complexo rupestre. A rocha 49 e a famosa rocha 155 sendo esta última deveras um marco importante na percepção das gravações temporalmente mais recuadas do Tejo. Um dos aspectos mais importantes sobre este suporte rochoso diz respeito às sobreposições e associações entre zoomorfos e espirais ou círculos. As figuras impressionam pelas suas dimensões, forma e detalhes de execução, acabamento, sobreposição e associação. É deveras uma rocha magnífica que merecerá destaque na avaliação da figura do cervídeo no Tejo e o seu papel para com as comunidades pré-históricas envolvidas.

O núcleo de arte rupestre de São Simão é um dos três restantes núcleos onde é possível, ainda hoje, ter acesso às rochas em determinadas alturas do ano. É considerado um dos locais com maior concentração de arte rupestre do Tejo, juntamente com o núcleo de Fratel e do Cachão do Algarve. Os cervídeos aqui gravados inserem-se em contextos muito interessantes mas o que mais peculiar *cena* apresenta é o cervídeo da rocha 158 – um antropomorfo com o sexo masculino bem definido carrega em ombros um veado morto.

A rodear esta composição encontram-se várias figuras incluindo dois outros cervídeos (um em cima e outro por baixo) representados de maneira diferente do veado morto. Esta espetacular representação impressiona pela composição em si, por percebermos que deve ter tido uma importância acrescida no seu significado porque seria de todo impossível um ser humano carregar literalmente um veado adulto morto aos ombros e pelos detalhes de execução do próprio animal. A armação do veado parece ter sido

fechada à posteriori de modo a criar o que sugere ser a forma de um sol. No Tejo existem algumas figuras extremamente semelhante a esta mas na vez do cervídeo, a figura humana levanta um sol.

Um outro núcleo de arte rupestre ainda visitável e com figuras de cervídeos é o núcleo de arte rupestre do rio Ocreza também prospectado ainda no início dos anos 70. Este é considerado o limite máximo a oeste do Complexo Rupestre do Vale do Tejo. Com uma nova prospeção já no início desta década descobriu-se a figura de um equídeo paleolítico sensivelmente no meio do último troço do rio antes de desaguar no Tejo. Também neste troço se encontram mais 3 rochas com gravuras mas ao contrário do cavalo, estas contêm arte rupestre pós-paleolítica. Excepto uma representação de espiral, as duas outras rochas têm gravadas figuras de cervídeos que apresentam características típicas do Tejo, ou seja, que partilham com outros zoomorfos que surgem na arte rupestre do complexo como os pescoços e cabeça completamente preenchida a acompanhar apenas o contorno do corpo, e a linha que atravessa vários dorsos de zoomorfos, segundo alguns autores, a chamada *linha da vida*. Numa das rochas (rocha dos zoomorfos) os cervídeos apresentados podem ser fêmeas devido à falta de armação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Mila Simões (2012) – *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Volume I. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. [Dissertação de Doutoramento].

ABREU, Mila Simões de; GARCÊS, Sara (2011) – Os Cervídeos na Arte Rupestre em Território Português – do Côa ao Tejo. In Guidón, N. - *World Congress Ifrao – Global Rock Art*; Brasil, pp. 823-843.

BAPTISTA, António Martinho (1981) – *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*. Porto: GEAP. (Monografias Arqueológicas), 85 p.

BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa.

BAPTISTA, António Martinho (2003) – A fauna plistocénica do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza* – a vida selvagem nas quatro estações. Ano 4, nº 13.

GARCÊS, Sara (2009) – *Cervídeos na Arte Rupestre do Vale do Tejo: contributo para o estudo da Pré-História Recente*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre [policopiado]. Instituto Politécnico de Tomar/ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

GARCÊS Sara; ABREU, Mila Simões; COIMBRA, Fernando; OOSTERBEEK, Luiz (2010) – A problemática do uso dos moldes de látex no estudo da arte rupestre do Vale do Tejo. *Arkeos*, 28, pp. 79-86.

GARCÊS, Sara; OOSTERBEEK, Luiz (2009) – Cervídeos na arte rupestre do vale do Tejo. Contributo para o estudo da Pré-História recente. *Zahara*, 14, pp. 90-94.

GOMES, Mário Varela (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor: Revista de Cultura* (1ª Série), 7, pp. 225-269.

GOMES, Mário Varela (1989) – Arte Rupestre do Vale do Tejo – um santuário pré-histórico. In *Encuentro sobre el Tajo: El agua y los asentamientos humanos*. Fundacion San Benito de Alcantara. (Cuadernos de San Benito; 2), pp. 49-75.

GOMES, Mário Varela (2001) – Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal) – Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologia e interpretações), *Série Arqueológica – Semiótica del Arte Rupestre*. Academia De Cultura Valenciana, Sección De Prehistoria Y Arqueología. Valência: Diputación Provincial de Valência, pp. 53-88.

GOMES, Mário Varela (2007) – Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4, pp. 81-116.

FARINHA, Luís (2005) – Uma janela sobre o Ródão. *História*, 80, pp. 56-59.

HOEK, Marten Van (2003) – El círculo, el ciervo y la trampa grabados de cuadrúpedos en rocas com combinaciones circulares en Europa. *Brigantium*, 14, pp. 75-88.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; SANCHES, Maria de Jesus, (1988) – A Fraga D'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – arte rupestre e ocupação pré-histórica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXVIII, pp. 201-232.

NEWSLETTER, (2012) – *Arqueologia Baixo Sabor*. Dezembro.

NOBRE, Luís (2006) Arte Rupestre Pré-Histórica da Margem Esquerda do rio Erges. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre [policopiado]. Instituto Politécnico de Tomar / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

OOSTERBEEK, Luiz (2008) – El Arte del Tejo (Portugal) en el marco de los studios de Arte Rupestre en Portugal. Arte Rupestre do Vale do Tejo e outros Estudos de Arte Pré-Histórica. In OOSTERBEEK, L.; BUCO, C., coord. – *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 24. Tomar, pp. 11-30.

PEIXOTO, Ana (1997) – A Lapa dos Gaviões. *IBN MARUAN*. Revista Cultural do Concelho de Marvão. Edições Colibri.

PESTANA, Manuel Inácio (1984) – *Arte Rupestre do conjunto pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro – agora descoberto*. Edição Câmara Municipal de Arronches.

PESTANA, Manuel Inácio (1987) – Arte Rupestre da Freguesia da Esperança (Concelho de Arronches), *1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Arronches. SANTOS, Manuel Farinha (1985) – *Pré-História de Portugal*. Biblioteca das Civilizações Primitivas. 3a Edição. Editorial Verbo. Lisboa, 214 p.

SANTOS DA ROSA, Neemias (2012) – *Contribuição para o estudo do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Portugal): o sítio do Cachão do Algarve*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Instituto Politécnico de Tomar. [Dissertação de Mestrado].

SANTOS DA ROSA, Neemias; GARCÊS, Sara (no prelo) – Arqueologia Experimental – contribuição para o estudo do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Portugal). *VI Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Barcelona.

SILVA, António; ALVES, Lara Bacelar (2005) – Roteiro de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. In *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Porto/Vigo: Eixo Atlântico, pp.189-219.

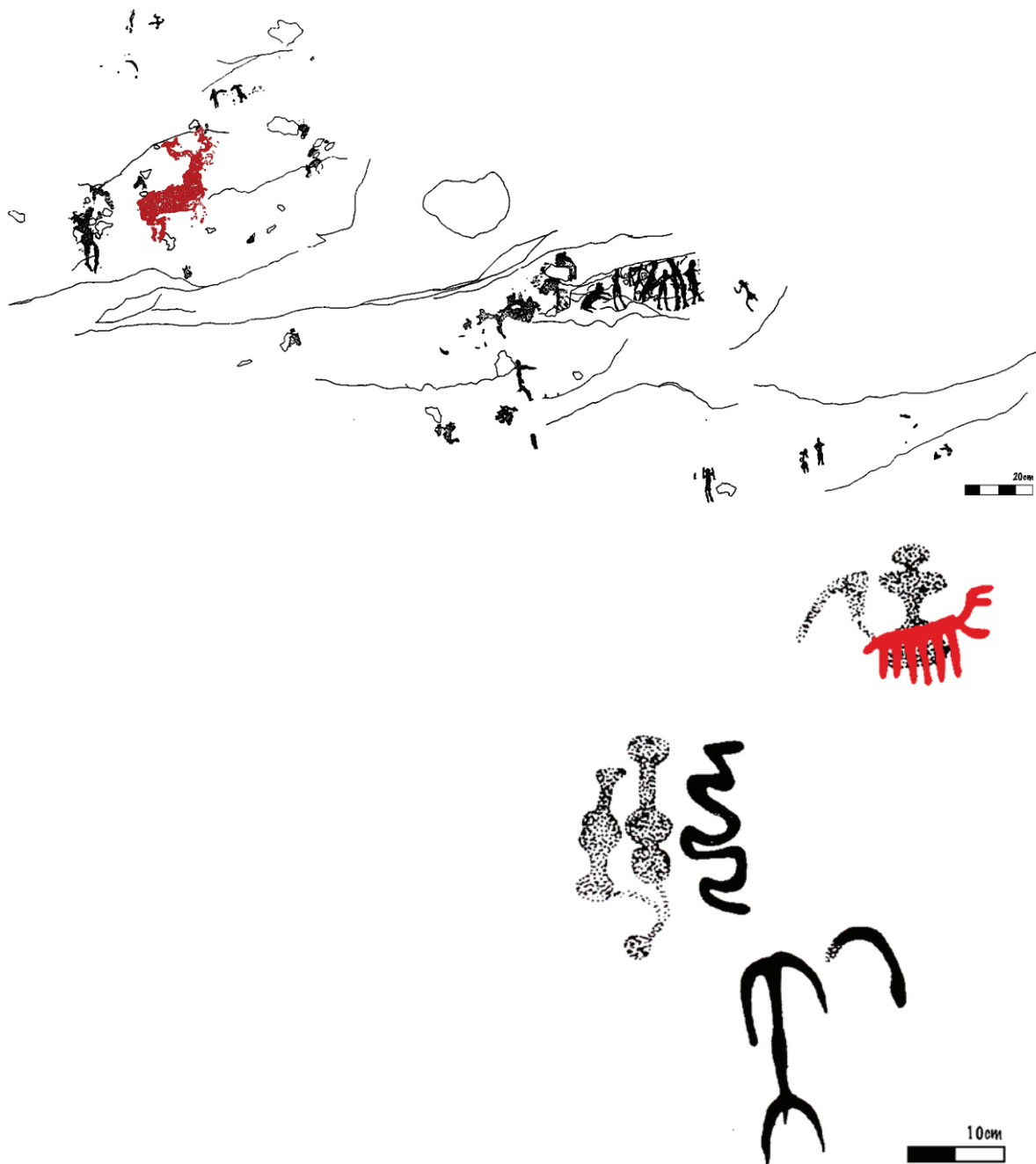


Figura 2 – Lapa dos Gaivões, Arroches. Painel Oeste. Adaptação de GOMES, 1989.



Figura 3 – Cervídeos de Cabeço do Aguilhão à esquerda (neolítico) – adaptação de publicação pessoal de A.M.B. e cervídeos da Idade do Ferro de Vale da Figueira Adaptação de NABS, 2012



Figura 4 – Grande cervídeo raspado da rocha 10 da Penascosa. Foto: Sara Garcês.

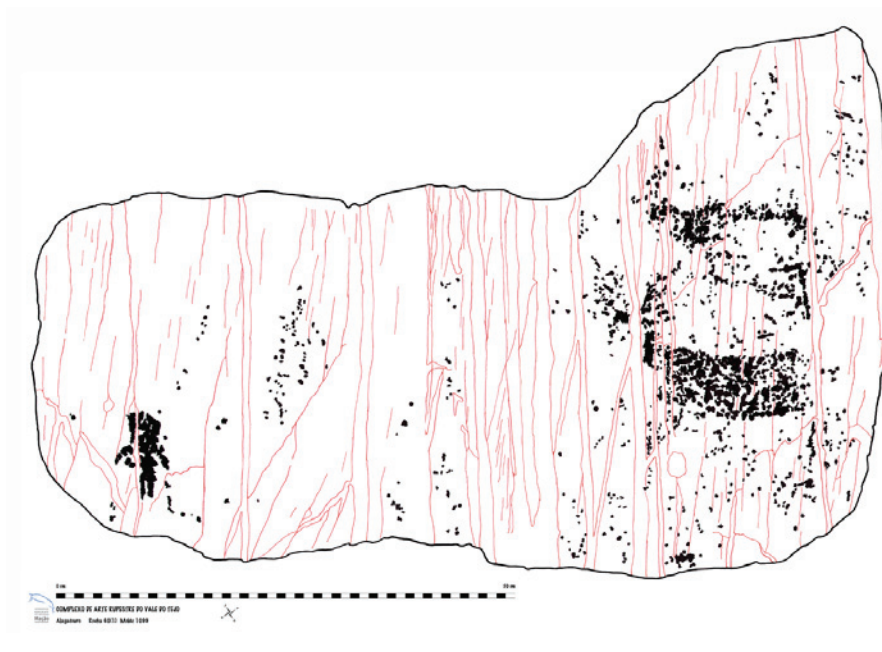


Figura 5 – Rocha 60 do Alagadouro. Fonte: Arquivo Instituto Terra e Memória.

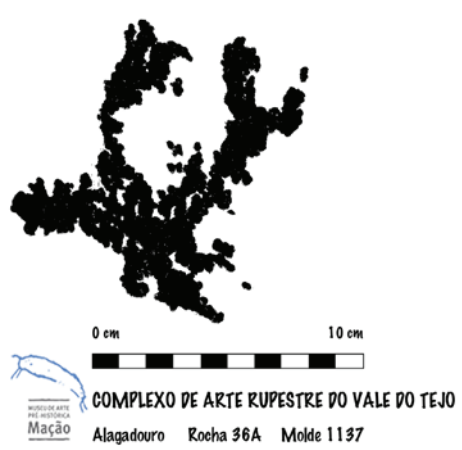


Figura 6 – Cabeça de cervídeo da rocha 36^A do Alagadouro. Fonte: Arquivo Instituto Terra e Memória.



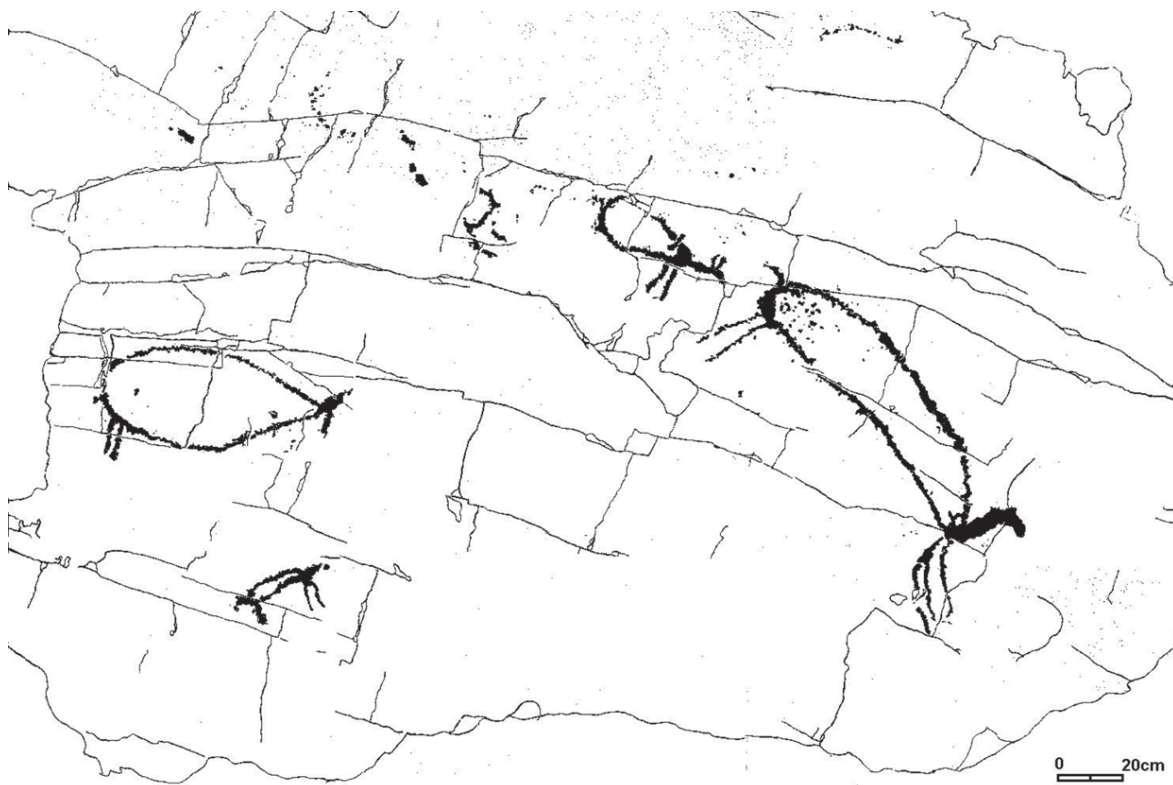
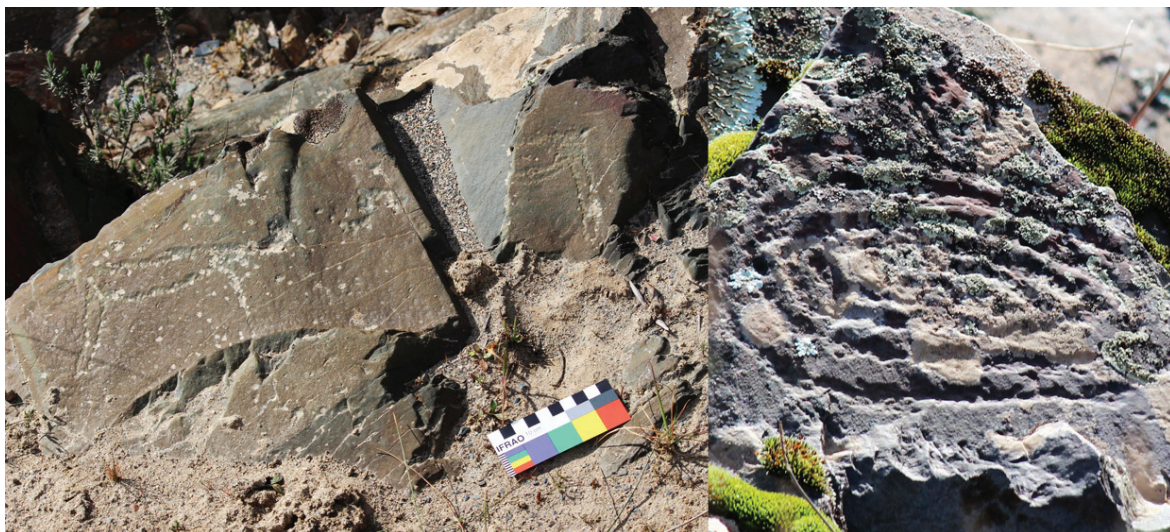
Figura 7 – Cervídeo sobreposto por podomorfo (?). Rocha 61 do Cachão do Algarve. Fonte: Arquivo Instituto Terra e Memória.



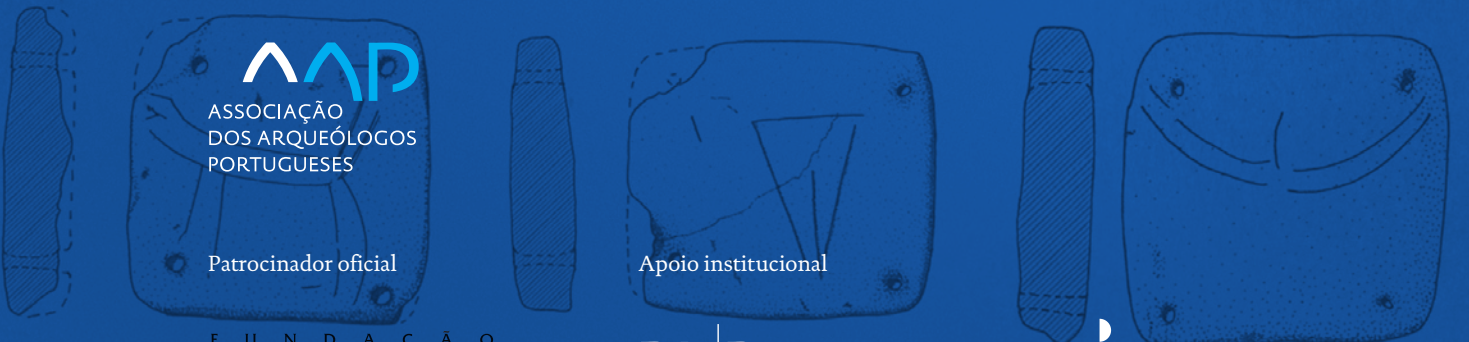
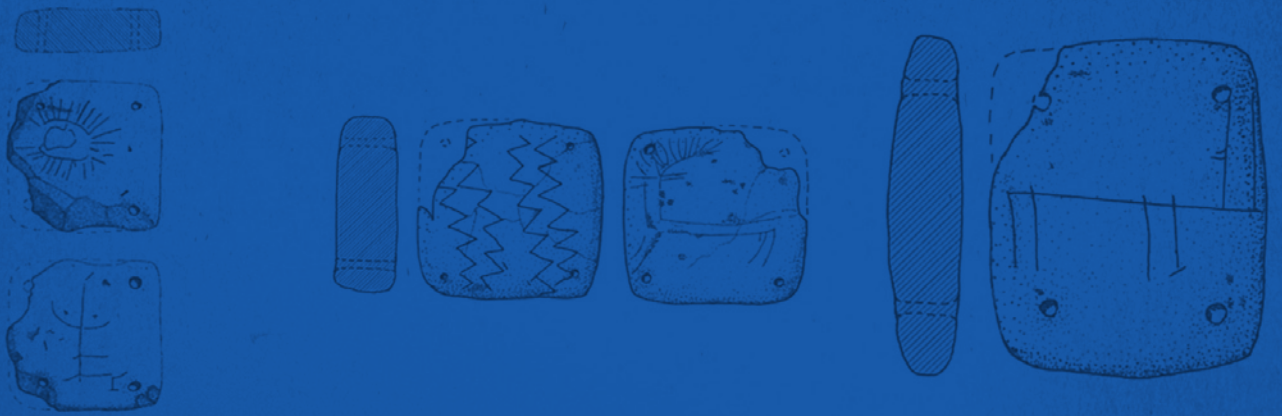
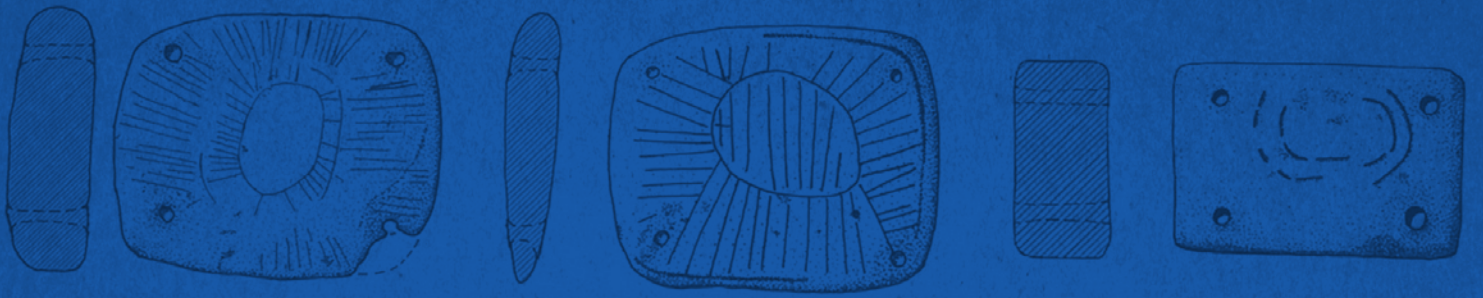
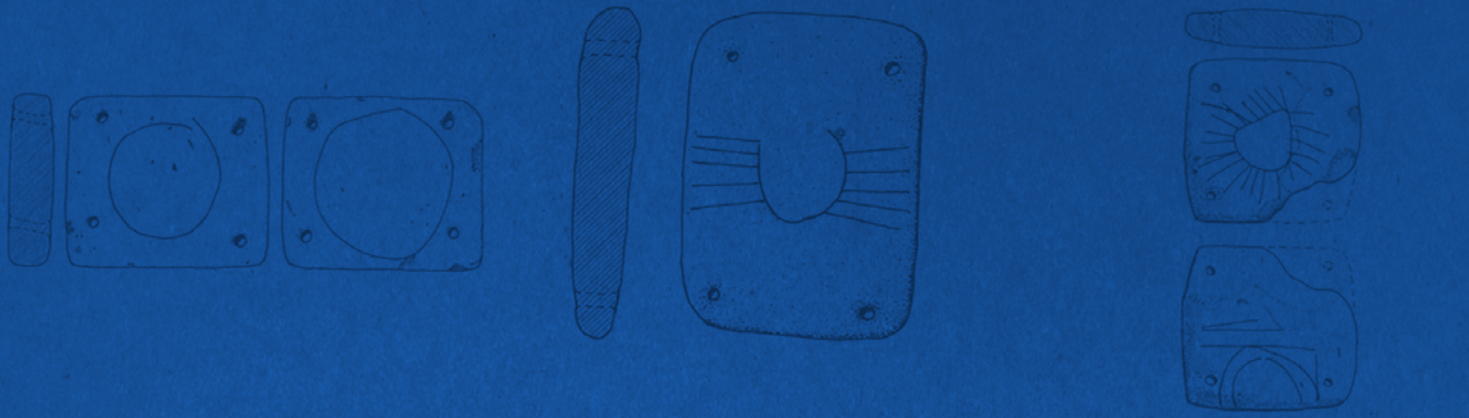
Figura 8 – Rocha 56 do Cachão do Algarve (Baptista, 1981).



Figura 9 – Cervídeo morto carregado por antropomorfo. Rocha 158 de São Simão. Fonte: Arquivo Instituto Terra e Memória.



Figuras 10a e 10b – Rochas dos Veados (em cima à esquerda), Rocha da Espiral (em cima à direita) e rocha dos Zoomorfos (em baixo) no rio Ocreza. Fotos: Sara Garcês. Decalque: arquivo Instituto Terra e Memória.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua